

VIA TEOLÓGICA

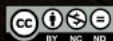
Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

REFLEXÕES SOBRE MEDO E FÉ: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MARCOS 4.35-41

*Esp. Danielle Mendonça de Sá
Dr. Claiton André Kunz*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

REFLEXÕES SOBRE MEDO E FÉ: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MARCOS 4.35-41

Reflections about fear and faith: an analysis from Mark 4.35-41

*Esp. Danielle Mendonça de Sá¹
Dr. Claiton André Kunz²*

-
- ¹ É pastora evangélica ordenada pela CEMEB (2016), possui graduação Bacharel em Informática pela UNESA (2006) e Bacharel em Teologia pela UNICESUMAR (2022), pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica pela FABAPAR (2020) e em Estudos Analíticos do Pentateuco pela FABAPAR (2021). Atualmente é mestranda em Teologia na linha de pesquisa Releitura de Textos e Contextos Bíblicos pela FABAPAR. E-mail: pastoradanimensagens@gmail.com.
 - ² Bacharel em Teologia e Filosofia, mestre em Novo Testamento, mestre e doutor em Teologia. Professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR e diretor da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

RESUMO

O presente artigo propõe reflexões sobre o medo e a fé a partir da análise hermenêutica da perícopa de Marcos 4.35-41 que auxiliam na compreensão do porquê Jesus questiona seus discípulos amedrontados com a seguinte indagação: “Vocês ainda não têm fé?” Se, ao emitir este questionamento, Ele condena o fato dos seus escolhidos sentirem medo em meio às circunstâncias ameaçadoras e conflituosas enfrentadas. Com essa finalidade, é utilizado como pressuposto metodológico a pesquisa bibliográfica e a abordagem qualitativa descritiva, com materiais já elaborados e sistematizados sobre o assunto pesquisado. O texto bíblico a ser analisado classifica a fé em Jesus como superior ao medo e às demais situações angustiantes da vida. É primordial que os discípulos de Jesus de todas as épocas creiam Nele acima de tudo e de todos. Assim sendo, busca-se contribuir com o esclarecimento da pergunta norteadora da pesquisa, com uma análise clara e objetiva do texto proposto.

Palavras-chave: Marcos 4.35-41. Medo. Fé.

ABSTRACT

This article proposes reflections on fear and faith from the hermeneutic analysis of the pericope of Mark 4.35-41 that help to understand why Jesus questions his frightened disciples with the following question: “Do you still not have faith?” If, by issuing this question, He condemns the fact that His chosen ones feel fear during the threatening and conflicting circumstances they face. For this purpose, the bibliographic research and the descriptive qualitative approach are used as a methodological assumption, with materials already prepared and systematized on the researched subject. The biblical text to be analyzed classifies faith in Jesus as superior to fear and other distressing situations in life.

It is essential that Jesus' disciples of all ages believe in Him above all and everyone else. Therefore, we seek to contribute to the clarification of the guiding question of the research, with a clear and objective analysis of the proposed text.

Keywords: Mark 4.35-41. Fear. Faith.

INTRODUÇÃO

Desde o Gênesis, as Escrituras anunciam uma mensagem de fé em Deus. Ela está presente em toda Bíblia, especialmente, na doutrina cristã. Antes mesmo de anunciar à Adão e Eva sobre a maldição que sobreviria à humanidade em decorrência do pecado (Gn 3.16-17), Deus anunciou a promessa de salvação, na Pessoa de Jesus Cristo (Gn 3.15). Não foi por acaso que Ele primeiramente discursou sobre o resgate da fé para, então, determinar as consequências da desobediência humana. No entanto, é importante enfatizar que o pecado resultou no rompimento dos relacionamentos humanos e do relacionamento com Deus, que passou a temer a Sua ira. Este afastamento do ser humano com o seu criador foi uma mudança terrível, afinal Deus deve ser o centro da sua vida, um referencial de todo o conhecimento, para que ele possa compreender o propósito da sua própria existência. No entanto, a sociedade atual, sentindo-se erroneamente autossuficiente, tenta encontrar estas respostas em meios puramente seculares, mas não as encontra, pois somente Deus pode anunciá-las, através da Sua missão de salvação dada à igreja. Deus a incumbiu de vivenciar e proclamar esta mensagem de resgate da fé Nele.

Ocorre que, ao refletir sobre o medo e a fé, alguns questionamentos trazem à tona o pavor sentido pelos discípulos de Jesus no texto bíblico de Marcos 4.35-41: “[...] Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé? [...] Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”. Portanto, buscou-se reunir infor-

mações com o propósito de esclarecer a seguinte indagação: de que forma a análise hermenêutica de Marcos 4.35-41 contribui com a compreensão se é errado sentir medo nas situações angustiantes da vida? Para esta finalidade, é utilizada a pesquisa bibliográfica e a abordagem qualitativa descritiva, com materiais já elaborados e sistematizados sobre o assunto pesquisado foram utilizadas. O referencial teórico considera o pensamento de Berguer, Durval e Hays, Ferreira e Myatt, Meier, Myers, Rhoads et al., Wright, entre outros.

Em sua estrutura, ela contempla três capítulos. No primeiro, é apresentado um paralelo entre o vínculo com Deus por medo e por amor, iniciando com o relato da criação do mundo e finalizando com o da redenção pela fé em Jesus. No segundo capítulo, é analisada a mensagem contida no texto bíblico de Marcos 4.35-41, com ênfase na reflexão sobre o medo e a fé. Finalmente, no terceiro, é descrita a importância de perseverar na fé em Deus em situações conflituosas e ameaçadoras da vida, em contraste ao medo, visando responder ao questionamento apresentado, concluindo com as considerações finais sobre o assunto.

1. UM PARALELO ENTRE O VÍNCULO COM DEUS POR MEDO E POR AMOR

No princípio de tudo, Deus criou os céus, a Terra e tudo o que nela há (Gn 1). Antes de criar o homem, Ele declarou: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...]” (Gn 1.26). Esta declaração, corrobora com a ideia de parentesco, também utilizada em Gênesis 5.3, ao abordar a descendência de Adão: “Adão viveu cento e trinta anos e gerou um filho à sua semelhança, conforme sua imagem, e pôs-lhe o nome de Sete.” Sendo assim, é possível afirmar que o ser humano foi feito à imagem de Deus, no sentido de haver um relacionamento, ou seja, ele foi criado para integrar uma família com Deus, que partilhe de uma comunhão entre pai e filho. Deus não criou a

raça humana em estado de pecado. Antes da queda, relatada em Gênesis 3.1-13, não existia um relacionamento de inimizade entre o homem e Deus, os animais e o mundo criado, porém houve uma quebra de confiança no descumprimento da sua ordenança (Gn 2.16-17).

Contudo, é importante ressaltar que comer do fruto foi fisicamente o resultado disso, pois a natureza do pecado vai além do simples ato de desobedecer a um mandamento. O “desobedecer” foi fruto de uma decisão maior, de se colocar no mesmo patamar de Deus. Esse é o pressuposto principal da mente não regenerada, que nega qualquer tipo de padrão transcendente, por se sentir autônoma. No entanto, é inegável que as pessoas possuem dentro de si um vazio a ser preenchido, que somente Deus pode preencher, “[...] a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque, em esperança, somos salvos [...]” (Rm 8.22-24).

Logo, ainda que muitos tenham a falsa sensação de serem autossuficientes, essa realidade de insegurança pela ausência do criador, produzida pelo pecado, só pode ser mudada através Dele, em Sua obra salvífica. “A ressurreição de Cristo é essencial para a fé cristã (1 Co 15.1-11)” (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 1064), pois, a redenção em Jesus torna o ser humano filho de Deus (Jo 1.12). Ela simboliza a restauração desse relacionamento familiar.

É certo que a tentativa de se colocar no lugar de Deus provocou uma mudança no coração humano e um rompimento de sua natureza, de modo que a amizade que existia entre ele e Deus terminou. Ao invés de aproximar-se Dele com o coração alegre, o homem passa a se esconder por medo, temendo a ira de Deus (Gn 3.8-10). Agora, é interessante perceber que a promessa do resgate desse relacionamento com Deus veio antes da maldição pela sua perda. Antes mesmo de anunciar ao primeiro casal o castigo em decorrência da queda (Gn 3.16-17), Deus anunciou-lhes a pro-

messa da redenção (Gn 3.15), ou seja, primeiramente, Ele declarou uma mensagem de fé e esperança para, então, na sequência, determinar as consequências da desobediência humana.

O propósito de Deus em todo o Evangelho, da vitória de Deus sobre satanás, não será completo até que toda a criação seja restaurada. Conforme acima mencionado, essa restauração só é possível pela fé em Jesus. Se não fosse a graça de Deus, a humanidade já teria sido completamente destruída. Mas, Ele decidiu amar e perdoar, quando poderia condenar (Jo 3.16-18). Cristo promove a reconciliação dos relacionamentos, para ressignificar-lhe a vida, com uma mensagem de salvação pela fé.

2. ANÁLISE DE MARCOS 4.35-41 COM ÊNFASE NA REFLEXÃO SOBRE MEDO E FÉ

O Texto bíblico de Marcos 4.35-41, em que se baseia a pesquisa, segundo Wright (2020), é um convite a perseverar na fé cristã, ao enfrentar situações que despertem a ira e o temor. Para Champlin (1982, p. 692), dentre os demais evangelhos, “a narrativa de Marcos é mais vívida, contendo pequenos detalhes que os outros omitem. Só Marcos fala da travessia de vários barcos, e não apenas de um, bem como da despedida das multidões que tinham acabado de ser instruídas por meio de parábolas”. Estas parábolas tratam do estabelecimento do Reino de Deus, através de Jesus. Ao meditar nelas, os discípulos poderiam fortalecer-se em Deus, apesar da situação difícil que enfrentaram no mar da Galileia. Segundo Durval e Hays,

Por meio de suas obras poderosas, Jesus se apresenta como soberano sobre as forças hostis a Deus. Demônios, doenças e morte injetam medo e desespero nos corações humanos. Os leitores de Marcos estavam enfrentando perseguição e hostilidade. Através desta série de histórias ele lhes assegura que: Jesus tem poder sobre tudo

que causa medo! Ele pode acalmar o mar, expulsar demônios, curar doenças e ressuscitar os mortos. Eles devem confiar Nele em meio às situações desesperadoras da vida (DURVAL; HAYS, 2008, p. 352, tradução nossa).

O intuito é que a mensagem de fé contida neste texto, contribua com a reflexão da igreja sobre o tema, pois ela não está imune ao medo e as inquietações do tempo presente. Portanto, a seguir são reunidos dados gerais sobre o texto, a fim de proporcionar uma interpretação adequada e demonstrar a viabilidade da pesquisa. Não é pretendido apresentar uma exegese completa e, sim, algumas informações fundamentais ao esclarecimento da mensagem proposta, ao refletir sobre o medo e a fé, a partir dele.

2.1 TEXTO GREGO E TRADUÇÃO LITERAL

A. Texto Grego de Marcos 4.35-41:

100

35 Καὶ λέγει αὐτοῖς ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ ὀφίας γενομένης, διέλθωμεν εἰς τὸ πέραν.

36 καὶ ἀφέντες τὸν ὄχλον παραλαμβάνουσιν αὐτὸν ὥς ἦν ἐν τῷ πλοίῳ, καὶ ἄλλα πλοῖα ἦν μετ' αὐτοῦ.

37 καὶ γίνεται λαίλαφ μεγάλη ἄνεμον, καὶ τὰ κύματα ἐπέβαλλεν εἰς τὸ πλοῖον, ὥστε ἤδη γεμίζεσθαι τὸ ττλοῖον

38 καὶ αὐτός ἦν ἐν τῇ πρύμνῃ ἐπὶ τὸ πρὸς κεφάλαιον καθεύδων. καὶ ἐγείρονσιν αὐτόν καὶ λεγόνσιν αὐτῷ, διδάσκαλε, ὃν μέλει σοι ὅτι ἀπολλύμεθα

39 καὶ διεγερθεὶς ἐπετίμησεν τῷ ἀνέμῳ καὶ εἶπεν τῇ θαλάσῃ, σιωπα, πεφίμωσο. καὶ ἐκόπασεν ὁ ἄνεμος, καὶ ἐγένετο γαλήνη μεγάλη.

40 καὶ εἶπεν αὐτοῖς, Τί δειλοὶ ἐστε; ὃνπῃ ἔχετε πίστιν;

41 καὶ ἐφοβήθησαν φόβον μέγαν, καὶ ἔλεγον πρὸς ἀλλήλους τίς αὐρα ὧντός ἐστιν ὅτι καὶ ὁ ἄνεμος καὶ ἡ θάλασσα ὑπακούει αὐτῷ;

B. Tradução Literal proposta por N. T. Wright (2020, p. 74):

35 Naquele dia, ao anoitecer, Jesus disse aos seus discípulos: “Vamos para o outro lado.”

36 Eles deixaram a multidão, e o levaram consigo no barco em que estavam. Havia outros barcos com Ele também.

37 Levantou-se um forte vendaval. As ondas se lançavam sobre o barco, que rapidamente, começou a se encher de água.

38 Jesus, no entanto, estava na popa, dormindo com a cabeça sobre uma almofada. Os discípulos o acordaram. “Mestre”, diziam a Ele, “estamos afundando! Você não se importa?”

39 Ele se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: “Silêncio! Cale a boca!” O vento se aquietou, e fez-se completa bonança.

40 Então, ele perguntou aos seus discípulos: “Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não crêem?”

41 Eles estavam apavorados. “Quem é este?”, perguntavam uns aos outros. “Quem é este que até o vento e o mar fazem o que Ele diz?”

2.2 ANÁLISE CONTEXTUAL

No texto bíblico analisado, de Marcos 4.35-41, nota-se que o seu contexto é do ensinamento de Jesus sobre o Reino de Deus. É provável que a perícopes analisada possua vínculo com o discurso por meio de parábolas, que ocupa a maior parte do capítulo 4 (versículos 1-34). Meier (1994) afirma categoricamente, que desde o início do relato de Marcos no Evangelho, sobre o começo do ministério de Jesus em Cafarnaum (1.21-28), ele enfatiza a conexão entre a autoridade do ensino de Jesus e os seus milagres (1.27). Nesse ponto, ele oferece o mesmo exemplo ao ligar o discurso por parábolas (4.1-34) aos milagres que Ele realizou no Mar da Galileia e ao redor dele (4.35 - 5.43). Wright (2020, p.

75) concorda ao afirmar que “quando Jesus resgata os discípulos de uma tempestade, estamos testemunhando algo que diz, em termos concretos, o que as parábolas anteriormente no capítulo estavam dizendo em palavras-imagens”.

Jesus fazia questão de ensinar o significado das parábolas aos seus discípulos. O texto de Marcos 4.34 afirma que Jesus explicava tudo aos seus discípulos em particular. Havia um mistério a ser revelado e seus discípulos precisavam ser, especialmente, preparados. As parábolas contadas por Jesus antes desse episódio da tempestade acontecer, abordavam o estabelecimento do Reino de Deus. Entre elas, há uma em especial, descrita somente por Marcos, em Marcos 4.26-29, que trata do crescimento da Palavra de Deus semeada no coração humano e no mundo, por iniciativa Dele. Deus dá o crescimento e, assim, o Seu Reino se expande. O soberano Deus dá o crescimento. Alguém semeou, alguém evangelizou, e Deus fez crescer, bem como menciona o apóstolo Paulo ao escrever aos coríntios: “Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3.6-7).

Sobre o mar da Galileia, cenário dos acontecimentos narrados no texto analisado, Wright (2020, p. 74) menciona o quão repentinas e avassaladoras são as tempestades nesta localidade. Ele afirma que “até hoje, os carros estacionam na costa oeste com placas advertindo os motoristas sobre o que acontece quando há ventos fortes. O mar pode ficar bravio rapidamente, e grandes ondas podem cobrir carros estacionados onde outrora parecia haver uma praia segura”. Contudo, no verso 38, Marcos afirma que, no momento da tempestade, “Jesus, porém, estava na popa, dormindo sobre uma almofada. Os discípulos o despertaram e lhe perguntaram: Mestre, não te importas que pereçamos?”. Segundo Wright (2020, p. 76), “Jesus, quase zombando, reverte a pergunta, colocando-os na berlinda de uma maneira que Marcos usa para nos conduzir ao capítulo 8: vocês ainda não têm fé?”.

Ao analisar o contexto dessas passagens é possível compreender que os discípulos estavam cansados. Jesus, o incansável servo de Deus, estava com eles, porém havia trabalhado incessantemente antes da travessia. Sem dúvida alguma, Ele necessitava descansar. Champlin (1982, p. 693) enfatiza a humanidade de Jesus, que estava humanamente cansado. Segundo ele,

É notável que em um lugar onde Sua humanidade se evidenciava, Ele produziu um de seus prodígios realmente grandes, através do que vemos o poder de Deus operando por seu intermédio. Ordinariamente, os evangelhos não frisam os milagres de Cristo para comprovar a sua divindade; mas através deles, ilustram sua autoridade messiânica.

Jesus ministrava de dia e de noite (cf. Mc 1.33-39). Mal tinha tempo para fazer uma alimentação sossegada (Mc 3.20-21), sem que a multidão o procurasse, contudo estava sempre pronto e disposto a cumprir Sua missão de reconciliação da humanidade com Deus.

2.3 ANÁLISE HERMENÊUTICA

A narrativa de Marcos possui grande valor parenético-pedagógico porque visa responder de maneira reflexiva às situações angustiantes da vida, para renovar a esperança e fortalecer a fé cristã dos discípulos de Jesus em todas as épocas. No episódio acima mencionado, é possível notar que Jesus dormia enquanto seus discípulos estavam atemorizados. A incapacidade de solucionar o real problema, evidencia neles uma fé vacilante. Segundo Wright (2020, p. 76), “as forças do mal são incitadas, furiosas e ameaçadoras, mas Jesus está tão confiante na presença e no poder de Deus que consegue dormir sobre uma almofada”. Somente Deus poderia salvá-los, mas o medo excessivo os impedia de enxergar a verdade. Nesse sentido, Balacin (1991, p. 69) argumenta que “a falta de confiança na ação misteriosa de Deus, que

pode vencer os poderes do caos e da morte, provoca o medo que paralisa a prática compromissada com o projeto de vida, deixando assim campo aberto para a ação alienadora e opressora”.

As parábolas contadas por Jesus em Marcos 4.1-34 mencionam o crescimento da semente e apontam para a principal tarefa da Missão de Deus, resgatar a humanidade caída. Para que essa restauração aconteça, é necessário que a pessoa creia em Jesus como o seu único e suficiente salvador, reconheça que é pecadora e nada pode fazer para salvar-se (cf. Ef 2.8-10), que Jesus é o Deus encarnado que, através da sua crucificação, possibilitou a salvação (cf. Rm 10.8-12). É preciso abandonar o pecado Adâmico da autossuficiência e reconhecer Deus como soberano, pois através de Jesus, o vínculo com Deus que, após queda, provocava medo e terror, passou a promover um relacionamento íntimo de amor a Ele.

Apesar da ideia de salvação no episódio narrado pelo evangelista Marcos estar relacionada ao livramento de morte que os discípulos desejavam, é possível trabalhar esse conceito do ponto de vista espiritual, afinal, eles recorreram a Jesus para despertá-lo na esperança de que Ele poderia salvá-los, e a salvação continua sendo garantida unicamente por Deus, na Pessoa de Jesus Cristo, seja ela física ou eterna (At 4.12). Independentemente da época, sempre existiu uma única via salvífica, pela fé e pela graça e, não, por obras. A respeito dessa concepção no Antigo Testamento, Ferreira e Myatt (2007, p. 859) afirmam que “a lei mostra o amor que Deus tem para com o Seu povo e nos ensina a amar o próximo. A experiência da vida espiritual neste contexto não é questão de guardar regras, mas, sim de crescer em intimidade com o Senhor, experimentando a verdadeira liberdade”, portanto, compreender que na aliança de Moises a salvação é pelas obras, é uma maneira inadequada de entender o plano de Deus para a Sua criação, pois Deus é relacional desde a fundação do mundo (cf. Gn 3.8).

Esta aliança é a base da construção de Israel como nação, não apenas como uma assembleia de pessoas no sentido religioso, mas também nas questões políticas. Então, como uma entidade nacional, todos aqueles que possuem esta nacionalidade também fazem parte dela, bem como à Abraão, quando houve a promessa para o estabelecimento de Israel como nação, do ponto de vista político, e como canal de benção às nações, do ponto de vista espiritual (cf. Gn 12.2-3), pois, o Reino de Deus se expandiu além de uma nação ou entidade política. Deste modo, entende-se que o que variou entre o Antigo e o Novo Testamento não foi a aliança, mas o povo (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 857-858).

A antiga não tinha o poder de transformar o ser humano, de modo que foi necessário estabelecer uma nova, em Cristo. Na antiga, a Lei foi escrita em tábuas de pedra, mas na nova aliança passou a ser escrita no coração humano (Jr 31.31-34), no sentido de estreitar o relacionamento com Deus, pois, a natureza desta nova aliança revela que ninguém fará parte dela a não ser que conheça ao Senhor pessoalmente, e essa promessa foi cumprida em Jesus. Aqueles que não se relacionam com Cristo, que não crêem no Evangelho, não fazem parte dessa nova aliança, a não ser que se convertam a Ele.

O Evangelho de Cristo anuncia a boa notícia de que Jesus veio ao mundo não para condená-lo, mas para salvar e reaproximar ao convívio de Deus a todos quantos Nele crêem. Segundo Ferreira e Myatt (2007, p. 979), “a tarefa entregue por Jesus à igreja envolve o testemunho da fé cristã, para todas as pessoas (cf. At 1.8). Nesse testemunho, a atenção deve estar centrada na obra objetiva de Deus em Cristo”. Por esse motivo, Jesus indaga seus discípulos: “Vocês ainda não têm fé?” É possível afirmar que seu questionamento também pode ser compreendido como uma exortação à fé cristã, afinal, este não foi o primeiro milagre que seus discípulos presenciaram e não seria o último. O maior deles foi a salvação.

3. QUANDO A FÉ SUPERA O MEDO: A IMPORTÂNCIA DA FÉ EM DEUS

O medo é um fenômeno presente na existência humana em manifestações individuais ou grupais. Conforme acima mencionado, segundo a narrativa bíblica, ele deu início quando houve a alienação do ser humano com o Seu Criador, que passou a relacionar-se com Ele por medo da Sua ira, contrastando com o propósito da criação, que pressupõe intimidade e amor.

O evangelista Marcos, no texto bíblico de Marcos 4.37, relata que, devido a uma forte tempestade, as ondas do mar da Galileia arremessavam de um lado para o outro o barco em que Jesus e os discípulos estavam, de modo que ele já estava inundado. Diante dessa apavorante situação, os discípulos ficaram demasiadamente ansiosos e aflitos. Porém, nesse contexto de angústia e medo, Jesus permanece dormindo, pois o medo não exerce efeito nenhum sobre Ele. Ao ser despertado por eles, Ele acalma a tempestade e indaga-lhes: “Vocês ainda não têm fé?” (Mc 4.40). Nesse sentido, Myers (1992, p. 243) afirma que, “desatentos à finalidade da sua viagem, eles deixam escapar o profundo medo que têm do abandono; e Jesus silencia esta falta de fé como a própria tempestade (4.39s)”.

O questionamento de Jesus aos seus discípulos não rotula o medo como sendo análogo à fé, pois Jesus não condena o medo. Ele os instrui que a fé Nele deve ser superior à insegurança da vida. Nesse sentido, Berguer (1994, p. 208) afirma que “a fé supera o engano e as trevas que ameaçam a vida. E vice-versa a avaliação da fé como uma força superadora pressupõe que pessoas sejam dependentes e ameaçadas. Nesse sentido, a fé é *eo ipso* a superação de medo e temor [...], e também a força para a “vitória sobre o mundo” (1Jo 5.4). Segundo o autor, a fé em Jesus é a experiência de contraste ao medo, que possibilita ao ser humano resistir às situações angustiantes e de ameaça da vida, devido a presença de Deus. De modo que é possível

afirmar que a fé em Cristo supera toda e qualquer ameaça conflitante nas dimensões interna e externa do indivíduo. Entretanto, é possível constatar que o medo dos discípulos não estava apenas relacionado ao perigo de sucumbir à violência das ondas do mar da Galileia. Eles também ficaram temerosos ao presenciarem o milagre de Jesus ao acalmar a tempestade, “Eles estavam apavorados. ‘Quem é este?’ [...]” (Mc 4.41).

Conforme acima mencionado, não é errado sentir medo. Na atitude dos discípulos, errado, foi perder a confiança em Deus e acreditar que morreriam em alto mar, contrariando o que Jesus lhes ensinou a respeito do Reino de Deus nas parábolas anteriormente contadas (Mc 4.1-34) e, principalmente, o fato de que Ele estava presente no barco. Assim sendo, nesse contexto, o medo excessivo tornou-se uma ameaça à fé. A atitude de admiração dos discípulos sobre o feito miraculoso de Jesus ao acalmar a tempestade, por questionarem, “Quem é este [...]?” demonstra que além do medo, também havia neles a falta de entendimento sobre Jesus, apesar de conviverem diariamente com Ele. Para Rhoads et al. (2002, p. 173), “as demonstrações de poder que os discípulos testemunharam com seus próprios olhos deviam despertar confiança na soberania de Deus”. Ele salienta que

Seu medo e falta de compreensão estão relacionados entre si. O medo por seu bem-estar os impede de entender, e sua incapacidade de entender os deixa assustados. Assim, o problema não é a falta de inteligência. Marcos está apresentando algo mais profundo. O medo inibe a compreensão e os mal entendidos geram medo. Os discípulos são vulneráveis tanto ao medo quanto à falta de entendimento, porque a soberania de Deus é avassaladora e contraria os padrões tradicionais de pensamento. Os discípulos pensam em termos humanos e não entendem como pensar a fé na soberania de Deus. Tanto o medo quanto a falta de compreensão derivam da falta de confiança na soberania de Deus (RHOADS; et. al, 2022, p. 173, tradução nossa).

O espanto dos discípulos ao presenciarem Jesus acalmando a tempestade é tamanho, que poderia assemelhar-se ao da multidão na sinagoga, no episódio em que Ele libertou um homem possesso de um espírito maligno, pois os que presenciaram o milagre, também exclamaram assustados: “Um novo ensino com autoridade! Ele ordena aos espíritos impuros, e eles lhe obedecem!” (Mc 1.27). E, não somente a reação deles é similar, pois a palavra grega utilizada por Jesus ao “repreender” o espírito impuro nesse episódio, é *ἐπετίμησεν*, do verbo *ἐπιτιμάω* (repreender/ordenar). O mesmo encontrado no versículo 39, quando ele “repreende” o vento e fala ao mar para se acalmar.

Talvez, essa similaridade entre os textos não seja por acaso. É possível que Marcos associe a ação dos ventos e do mar às forças demoníacas. Para Malbon (1984, p. 376), “Marcos pressupõe a conotação do mar como caos, ameaça, perigo [...] das Escrituras hebraicas”. Wright (2020, p. 75) afirma que para os judeus “o mar simbolizava as forças ocultas do mal, ameaçando destruir a boa criação de Deus, o povo e os propósitos divinos. Em livros como o Daniel, os monstros vêm do mar”. Nesse contexto, Ched Myers (1992, p. 243-244), argumenta que

O espanto dos discípulos lembra o da multidão na sinagoga, antes em 1,27, e como duplo modo de entender é impressionante. Pois, como o espírito impuro lá, os elementos aqui são “silenciados” (*phimousthai*, 1.25; 4.39); eles “escutam” (*hupakouein*, 4.41) a Jesus; mas os discípulos, que também receberam a mesma ordem, ouvirão (4.3,9,20)?

Desse modo, o autor conclui a sua afirmação, enfatizando o convite de Jesus aos seus discípulos para ouvi-Lo, “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (4.9), a respeito dos ensinamentos do Reino de Deus que eles haviam recebido de Jesus antes do episódio apavorante no mar da Galileia. Havia uma escolha a ser feita: confiar em Jesus ou ficar à mercê da tempestade. Atualmente, também há uma decisão a se fazer: permanecer vazio

de Deus em meio a ansiedade, o medo e a aflição, ou receber a salvação em Jesus para estreitar o relacionamento com Deus, que possibilita ao ser humano enfrentar as adversidades da vida com fé em Deus, determinação e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações sobre o medo e a fé, evidenciadas na pesquisa, tendo por base a análise hermenêutica do texto bíblico de Marcos 4.35-41, é possível concluir, em resposta à pergunta norteadora da pesquisa, que não é errado sentir medo, porém a fé em Deus deve ser superior à insegurança da vida, na presença de Jesus. Ela possibilita ao ser humano relacionar-se com Deus. Como amigo, Jesus tem o poder de silenciar o medo no coração aflito, com a mesma autoridade empregada no ensinamento sobre o Reino de Deus e ao acalmar a tempestade no mar da Galileia. Através Dele, a igreja, que é o povo de Deus em Missão, precisa ser resposta para um mundo sem fé, alienado do Criador. Ela deve levar a revelação de Deus às pessoas. É Ele quem a capacita para exercer esse papel de reconciliação.

Esta é a boa notícia a ser pregada: que Jesus salva a todo aquele que Nele crê, apesar de ser imerecedor do seu imenso amor. Agora, o vínculo com Deus que, após o pecado original, provocava medo e terror, através de Jesus, promove um relacionamento baseado na fé em Deus, por amor. Portanto, todo cristão é conclamado a fortalecer-se Nele para superar o medo e a ansiedade com confiança e esperança. O Evangelho anuncia as boas novas da vitória de Jesus sobre o mal. Ele a conquistou e tem todo o poder para salvar e libertar (Mt 28.18). O ser humano faz parte do problema do mal no mundo e, portanto, é indigno da salvação e merecedor da condenação, mas pela graça, a misericórdia e o amor de Deus, Jesus sofreu o castigo que era destinado à humanidade e, agora, oferece a salvação aos que Nele crêem como Senhor e Salvador, mediante ao arrependimento de peca-

dos (Mt 3.1-3; 4.17). Quanto mais intimamente o ser humano se relaciona com o Seu criador, apesar de ainda sentir medo, mais imune ao desespero e a aflição ele é, pois a fé em Deus o supera.

REFERÊNCIAS

BALACIN, Euclides Martins. **Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus**. São Paulo: Paulus, 1991.

BERGER, Klaus. **Psicologia histórica do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Almeida Século 21**: Antigo e Novo Testamentos. Almeida Século 21. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2013. 1075 p.

CHAMPLIN, Russell N. **Comentário Bíblico do Novo Testamento**: versículo por versículo. 3.ed. São Paulo: Milenium, 1982.

DURVAL, J. Scott; HAYS, J. Daniel. **Hermenêutica, entendiendo la Palabra de Dios**. Barcelona: Clie, 2008.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MALBON, Elizabeth S. **Galilee and Jerusalem**: History and Literature in Marcan Interpretation. CBQ, 1982.

MEIER, John P. **A Marginal Jew**: rethinking the historical Jesus. v. 2. New York: Doubleday, 1994.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. Tradução de I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. **Marcos como relato**: introducción a la narrativa de un evangelio. Salamanca: Sigúeme, 2002.

WRIGHT, N. T. **Marcos para todos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.